

Vinculação e Autonomia na Relação do Adolescente com os Pais

Isabel Soares* e Bártolo Paiva Campos**

Nos últimos anos, tem-se vindo a assistir a um recrudescimento no interesse pelas questões familiares na adolescência numa perspectiva desenvolvimental. Para tal tem contribuído, ao nível conceptual, o aprofundamento e consolidação da perspectiva de construção social do desenvolvimento humano; e, ao nível metodológico, a valorização dada pela abordagem empírica aos modelos ecologicamente válidos e aos padrões de interacção. Neste âmbito, procurar-se-á analisar mais aprofundadamente a evolução ao nível conceptual e da exploração empírica relativa ao estudo da problemática da vinculação e autonomia na adolescência no contexto das relações familiares. Para tal partir-se-á da revisão da literatura mais clássica sobre a problemática da separação-independência do adolescente face à família procurando confrontá-la com os resultados da investigação empírica. Tradicionalmente os jovens são retratados como procurando "separar-se" dos pais e "ligar-se" aos pares. Ao contrário desta abordagem tradicional, que acentuava a oposição entre estes dois processos, os modelos mais recentes encaram-nos como processos complementares e igualmente importantes para o desenvolvimento do jovem nos seus variados contextos de socialização. As mudanças na compreensão desta problemática são examinadas à luz da investigação mais recente no domínio, procurando destacar-se as linhas de força que actualmente orientam o estudo da vinculação e autonomia no contexto da relação do adolescente com os pais.

O tema das relações familiares na adolescência tem recebido, nos últimos anos, uma atenção especial na literatura sobre o desenvolvimento psicológico, em contraste com um certo desinteresse, e mesmo desencanto, com que esta temática foi encarada, durante os anos 70. Parafrazeando Steinberg (1987), dir-se-ia que o estudo das relações familiares começa agora a sair do período de latência e a entrar na sua própria adolescência. Entre as razões que poderão ser avançadas para explicar este inter-

esse renovado, destacaremos aquelas que se prendem com determinados aspectos do próprio paradigma da psicologia do desenvolvimento: ao nível conceptual, o aprofundamento e consolidação da perspectiva de construção social do desenvolvimento psicológico com tradução, ao nível metodológico, na valorização dada pela abordagem empírica aos modelos ecologicamente válidos e aos padrões de interacção.

Naturalmente alguns dos conteúdos mais clássicos no domínio das relações familiares na adolescência continuam ainda hoje a merecer a atenção dos investigadores. É o caso do tema deste artigo: Vinculação e Autonomia na Relação do Adolescente com os Pais. Contudo, ao longo dos últimos anos, tem-se assistido a uma evolução significativa na maneira como este "velho" problema tem sido compreendido e explorado empiricamente. É objectivo deste artigo caracterizar e comentar criticamente a evolução decorrida ao longo destes anos na abordagem teórica e empírica sobre este problema. Ver-se-á que, ao contrário da abordagem tradicional que acentuava a oposição e antagonismo entre vinculação e autonomia, os

* Assistente da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Membro do Serviço de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional onde é responsável pela Unidade de Consulta Psicológica de Jovens.

** Professor da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Director do Serviço de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional.

Este artigo insere-se no âmbito do projecto D da Linha de Acção nº 1 do Centro de Psicologia da Universidade do Porto (INIC).

modelos mais recentes encaram-nos como processos complementares e igualmente importantes para o desenvolvimento do jovem nos seus variados contactos de socialização.

Abordagem convencional do desenvolvimento na adolescência

Na literatura clássica sobre o desenvolvimento psicológico do adolescente, separação, independência e autonomia são frequentemente evocados em termos de constructo-chave, estádio ou tarefa desenvolvimental básica nesse período do ciclo vital. Se bem que possam ser enquadrados em concepções teóricas diferentes, têm, no entanto, como denominador comum o seu foco em mecanismos de saída ou afastamento de algo que, supostamente, existia. É neste âmbito que a família do adolescente tem sido um ponto de referência constante na literatura psicológica mais tradicional sobre esta problemática.

Este tipo de abordagem pressupõe, mais ou menos implicitamente, uma certa concepção do desenvolvimento psicológico do adolescente. O desenvolvimento do adolescente é visto como sendo determinado pela sua capacidade em separar-se ou mover-se para fora da sua relação com os pais; o adolescente é visto como o único agente do seu desenvolvimento, sendo este encarado como um processo que ocorre "dentro" dele e cuja direcção vai no sentido da sua "libertação" da família. Esta necessidade de "estar ou ficar livre de" traduz-se de modo mais ou menos implícito na desvalorização dos vínculos ou laços afectivos que unem o adolescente aos pais. Esta desvalorização resulta precisamente da oposição que neste tipo de abordagem se estabelece entre "estar vinculado" e "ser autónomo-independente": a vinculação aparece aqui conotada com a dependência, que impossibilita o movimento de saída ou de separação dos pais, considerado obrigatório. A adolescência é concebida como o tempo de separação da família necessária para possibilitar o estabelecimento de novos laços afectivos fora desta. Nesta abordagem faz-se depender a construção de novos laços da ruptura dos vínculos já existentes; obviamente que essa ruptura é encarada como sendo apenas tem-

porária, mas é julgada obrigatória para investimentos emocionais fora da família e mesmo para o estabelecimento de vínculos mais adultos ou maduros com os pais.

A separação é vista como um processo de abandono das ligações infantis do passado (em termos psicanalíticos, é o "luto" dos *imagos* parentais), o que se traduz por um movimento psicológico recapitulativo da infância ou mesmo de tipo regressivo, promotor de uma vivência depressiva e conflitual ao nível das relações com os pais. Assim, a ênfase é colocada no abandono do que foi ou existia e não no que ocorre ou que poderá vir a ser ou a transformar-se: o passado determina o presente e o futuro. Deste modo, o desenvolvimento do adolescente é visto numa perspectiva pessimista e conflitual, como um percurso psicologicamente doloroso, não sendo encarado ao nível da sua dinâmica própria, com objectivos e funções evolutivas específicas e novas.

As características enunciadas remetem para o que hoje vulgarmente se designa por abordagem convencional do desenvolvimento psicológico do adolescente (Youniss, 1983). No âmbito desta abordagem as formulações psicanalíticas mais clássicas, nomeadamente a de S. Freud (1917), Anna Freud (1968), E. Jones (1969) ou mesmo a de P. Blos (1967), constituíram um quadro de referência teórica importante. A ideia de P. Blos de que "só pelo conflito a maturidade pode ser atingida" (1979, p.14) continuou a ter uma ressonância grande no domínio da teorização e da investigação sobre este período de vida (1).

Em síntese, a abordagem convencional caracteriza-se pela ênfase dada ao conflito como componente-chave do desenvolvimento do adolescente, sendo este concebido como um processo de separação-autonomia face aos pais. No âmbito desta abordagem teórica convencional, durante os anos 60 e 70, desenvolveu-se uma linha de investigação empírica que se centrou precisamente na avaliação das manifestações comportamentais do componente-chave deste processo de separação-autonomia no adolescente, i.e., do conflito na relação adolescente-pais. Das revisões que têm sido realizadas sobre esta linha de investigação, destaca-se a que foi apresentada por Montemayor (1983),

baseada fundamentalmente em estudos americanos e relativa ao período etário dos 12 aos 18 anos.

Em linhas gerais, os estudos revistos por Montemayor permitem afirmar que, em contraste com o retrato típico da relação de conflito pais-adolescente teorizada pela abordagem convencional, as investigações revelam que apenas um pequeno número de famílias pode ser caracterizado por esse padrão relacional. A proporção de famílias que qualifica a sua relação como sendo de conflito é substancialmente diferente daquilo que seria predizível com base na teoria. Obviamente que há conflito nas relações entre pais e adolescentes, mas isso não significa que se constitua como o *padrão* relacional entre as duas gerações durante a adolescência. É neste sentido que é sugestivo o título do artigo de Montemayor: "*Parents and adolescents in conflict: all families some of the time and some families most of the time*".

Relativamente ao conteúdo dos conflitos, as investigações revelaram dois dados interessantes: em primeiro lugar, quando o conflito ocorre, tende a centrar-se em questões que os autores classificam como "mundanas", i.e., dizem respeito ao funcionamento e organização do quotidiano familiar (rendimento escolar, saídas com os amigos, higiene pessoal, regras do lar, vestuário...). A discussão sobre valores básicos, teoricamente considerada uma área quente e potencializadora de conflito, não parece constituir uma situação de conflito manifesto, já que é ignorada silenciosamente na relação pais-adolescente. Um segundo aspecto a destacar mostra que o conteúdo dos conflitos quase nada tem mudado ao longo destas décadas, nomeadamente entre os anos 20 e 70: aparentemente, os adolescentes de hoje têm o mesmo tipo de conflito com os pais, que estes tiveram com os seus próprios pais quando eram jovens. No seu conjunto, os resultados obtidos pelos estudos sobre a evolução do conflito do adolescente com os pais ao longo da adolescência evidenciaram a existência duma relação curvilínea (U invertido) entre o conflito e a idade: o conflito aumenta durante os primeiros anos da adolescência, depois estabiliza e declina quando o jovem sai de casa.

Apesar das diferenças na metodologia de investigação utilizada (e das questões que a este

propósito se poderão levantar), os resultados dos estudos revistos por Montemayor não constituíram um apoio claro, mas antes um desafio, para a abordagem teórica até aí firmemente estabelecida. Mais especificamente, a visão até aí dominante da inevitabilidade e desejabilidade de relações familiares conflituosas e com *stress* ("*storm and stress*") foi posta em questão pela exploração empírica cujos dados não confirmaram tão clara e categoricamente a existência e importância desse quadro familiar. Foi aliás esta falta de sintonia entre a teoria e os dados empíricos que, no entender de Steinberg (1987), conduziu o estudo das relações familiares na adolescência para um período de latência, durante os anos 70, evidenciado no desinteresse sobre esta problemática na literatura do desenvolvimento psicológico.

Antes de se avançar na análise da evolução entretanto ocorrida, é necessário, contudo, fazer algumas considerações críticas sobre o papel do conflito nas relações pais-adolescente que, pelo menos aparentemente, corre o risco de ser menosprezado.

Em primeiro lugar, na investigação revista por Montemayor, a definição do conflito foi baseada no seu conteúdo e na sua quantidade ou intensidade, dando-nos apenas uma visão estática e pontual da questão. A presença ou ausência de conflito, especialmente quando avaliado apenas num dado momento, não significa necessariamente que uma relação está a deteriorar-se ou não. A qualidade da relação, a este nível, parece depender sobretudo do modo como as pessoas que nela estão envolvidas lidam e resolvem o conflito. Esta apreciação mais dinâmica e interactiva do processo (e não apenas do resultado) não está presente neste tipo de investigação mais tradicional.

Em segundo lugar, e relativamente ao seu conteúdo, os conflitos são considerados "mundanos" por oposição aos valores básicos, o que não significa que têm por isso uma menor importância. A mudança nas relações familiares pode também ocorrer através ou no contexto da comunicação entre os membros da família sobre questões aparentemente fúteis como o vestuário, higiene pessoal ou saídas com os amigos. Talvez seja justamente a discussão sobre esse quotidiano, em que todos estão directamente envolvidos, o palco mais signifi-

ficativo das interacções familiares e, por isso, um contexto privilegiado para a transformação da relação e para o desenvolvimento dos seus membros (cf. Hill & Holmbeck, 1985; Youniss, 1980, 1985).

Finalmente, as investigações revistas nada nos dizem sobre o modo como o conflito está envolvido ou implicado nos processos de vinculação e autonomia no contexto da relação pais-adolescente. Paradoxalmente, esta questão, para a qual estas investigações não deram resposta, constituiu o tema central da abordagem convencional e, como referido, permanece ainda hoje como um alvo preferencial de muitos dos que se dedicam ao estudo do desenvolvimento das relações familiares na adolescência.

Abordagens recentes da relação adolescente-pais

As investigações desenvolvidas ao longo da década de 80 retomam, pois, esta temática procurando contribuir para o esclarecimento e aprofundamento de algumas das questões que permaneceram em aberto pela abordagem convencional quer ao nível conceptual quer ao nível da exploração empírica. Neste âmbito distinguiremos dois temas à volta dos quais a investigação tem sido desenvolvida:

- uma *primeira linha de investigação*, sobretudo americana, tem dado especial atenção à relação entre o processo de separação e a vinculação do adolescente aos pais; salientam-se aqui apenas os estudos nos quais esta relação é estudada relativamente à situação de saída do adolescente do lar familiar para ingressar na universidade (*home leaving process*):

- uma *segunda linha de investigação*, mais recente, procura examinar os processos de vinculação e autonomia em situação, i.e., no contexto da relação pais-adolescente através da observação e microanálise dos padrões de comunicação entre eles.

A *primeira linha de investigação* está mais próxima da abordagem convencional: ao nível conceptual, os processos de vinculação e autonomia continuam a ser considerados numa perspectiva unidireccional, i.e., do adolescente relativamente aos pais, se bem que já se reconheça um avanço na ênfase dada à avaliação

da relação entre esses mesmos processos; ao nível metodológico, continua a ser conduzida sobretudo com base na utilização de escalas ou questionários.

Mais especificamente, esta primeira linha de investigação centrada, como referido, no processo de separação e vinculação do jovem na situação de saída do lar familiar para ingressar na universidade, tem procurado responder a duas questões: a) com a saída do lar familiar e ida para a universidade há ou não ruptura na relação de vinculação ou, por outras palavras, nos laços afectivos que unem o adolescente aos pais? b) que influência tem a qualidade desta relação de vinculação na adaptação psicossocial do adolescente a este novo contexto de vida?

Em geral, os resultados da investigação sobre estas duas questões vão no sentido não apenas da afirmação da estabilidade da relação de vinculação do jovem com os pais, mas revelam também o valor e importância dessa vinculação para a adaptação psicológica e social do jovem ao seu novo contexto de vida, na medida em que constitui uma base segura e apoio emocional para o jovem explorar e enfrentar de modo mais capaz as novas experiências (Bloom, 1980, Hill & Holmbeck, 1985; Hoffman, 1984; Kenny, 1985; Marcia, 1980, Moore & Hotch, 1981 Sullivan & Sullivan, 1980). Num dos estudos mais recentes junto de uma grande amostra de estudantes do 1º ano da universidade, Bell e cols. (1985) concluíram que o sentimento de proximidade emocional e o afecto positivo pelos pais estava correlacionado com medidas múltiplas de competência social, incluindo auto-estima social, instrumentalidade, expressividade, timidez e grau de satisfação no relacionamento com os pais. No mesmo sentido, outros estudos têm evidenciado uma relação positiva entre a qualidade da relação de vinculação do jovem com os pais e índices de adaptação e competência social percebida pelo próprio (Greenberg *et al.*, 1983, Armsden & Greenberg, 1987) ou pelos companheiros da universidade (Kobak & Sceery, 1987).

As correlações encontradas entre, por um lado, o afecto positivo e o sentimento de proximidade emocional com os pais e, por outro lado, os índices de adaptação psicológica e de competência social, não podem obviamente ser indicadores de causalidade. A interpretação que

mais frequentemente é dada a estes resultados vai no sentido da sua consideração em termos de influência recíproca, i.e., a vinculação aos pais contribuirá para o sentimento de competência e bem estar do jovem, o que, por seu lado, poderá promover o estabelecimento de uma relação mais positiva e harmoniosa com os pais.

Para além das questões de estabilidade e influência, as investigações apresentaram um outro dado curioso relativo à intensidade da vinculação do jovem aos pais: os jovens descrevem-se como estando agora afectivamente mais próximos dos pais do que antes da saída de casa ou mesmo do que em qualquer outro período do seu desenvolvimento (Pipp *et al.*, 1985, Shaver *et al.*, no prelo, Sullivan & Sullivan, 1980), considerando-se também como mais responsáveis e autónomos (Pipp *et al.*, 1985). Este resultado tem sido interpretado como indicador de uma mudança de natureza subjectiva na relação do adolescente com os pais, mudança essa julgada necessária para o próprio processo de separação do adolescente, isto é, o adolescente teria necessidade de perceber a relação com os pais como mais próxima ao nível emocional, de modo a enfrentar com segurança e bem-estar o processo de separação da família (cf. Pipp *et al.*, 1985).

Em síntese, estes dados permitem, pois, afirmar que a vinculação não impede a autonomia e a separação do jovem, bem pelo contrário, constitui uma componente-chave desse mesmo processo. Por outras palavras, a autonomia parece, pois, ser construída no contexto da redefinição progressiva e de transformação das relações de vinculação do jovem.

A *segunda linha de investigação* centra-se na interacção pais-adolescente e, por isso, contribui para uma melhor compreensão da construção e mudança dos processos de vinculação e autonomia nesse mesmo contexto. O foco situa-se agora na relação (e não apenas no adolescente) e a análise centra-se no processo, i.e., não apenas no que ocorre, mas sobretudo no como ocorre. Esta valorização da interacção ao nível do seu processo decorre da consideração pela dimensão social do processo de desenvolvimento psicológico. Isto é, o pressuposto é de que o desenvolvimento psicológico ocorre no contexto das interacções do indivíduo com outros e não apenas "dentro" do

indivíduo. Esta conceptualização do processo de desenvolvimento como um processo de construção social ou de co-construção poderá ser articulada com a opção por um quadro metodológico que privilegia e se orienta para a observação da comunicação entre os membros da família. Como salienta Youniss (1983), enquanto os inquiridos, questionários e entrevistas a um único sujeito poderiam induzir ou conduzir à representação do adolescente como "um organizador da reflexão solitária" ("*as a lone reflective organizer of reality*", p.102), a observação directa de situações de comunicação na família poderá facilitar o emergir ou tornar mais pregnante esta dimensão de co-construção do processo desenvolvimental. Se esta visão do desenvolvimento do indivíduo no contexto interpessoal ainda é recente na literatura sobre a adolescência, ela já tem alguma tradição nos estudos da infância, como, por exemplo, os realizados no âmbito da abordagem etológica da vinculação (cf. Ainsworth, 1969, Hinde, 1979).

As investigações que têm sido desenvolvidas no âmbito deste quadro conceptual do desenvolvimento das relações familiares na adolescência, ao dar ênfase ao estudo dos *processos de vinculação e autonomia em situação de relação*, abandonam definitivamente a discussão sobre a maior ou menor importância de um processo relativamente ao outro, para passar a examiná-los ao nível da sua interacção na situação de relação pais-adolescente. Esta visão integradora destes dois processos tem a sua tradução explícita no constructo-chave deste tipo de abordagem: o *processo de individuação* (Bell & Bell, 1983, Cooper *et al.*, 1983, Grotevant & Cooper, 1985, 1986 cf. Youniss, 1983, Youniss & Smollar, 1985, Youniss & Ketterlinus, 1987). Se bem que este constructo não seja novo, é, contudo, nova a maneira como é concebido: "*It leads to the proposal that adolescents and their parents seek a way to maintain their relation while each holds to the self's individuality*" (Youniss, 1983, p.98). Reflectindo esta concepção, nos projectos de investigação conduzidos por Cooper & Grotevant (1983, 1985, 1986), a individuação tem sido operacionalizada em termos de padrões de comunicação que reflectem a vinculação e a autonomia (aqui referida como individualidade): a *vinculação* traduz-se ao nível da comunicação

através de expressões de mutualidade e permeabilidade e a *individualidade* (ou *autonomia*) através de expressões de auto-assertividade e separação: "Our model of individuation, with its four factors has provided a differentiated approach to understanding both individuality and connectedness as they occur in the family system. Self-assertion - the expression of one's point of view - and separateness - the expression of differences in views between self and others - can be seen as different modes of expressing a distinct or separate perspective within the family. In contrast, permeability - expressing responsiveness and openness to other's ideas - and mutuality - showing sensitivity or respect in relating to others - involve aspects of support and connectedness within the family. Further the operationalization of these factors illustrates that neither individuality nor connectedness is unidimensional (Cooper et al, 1985, p 55-56).

Nestes projectos, as dimensões da comunicação familiar (individualidade e vinculação) foram avaliadas através duma situação de discussão, entre os membros da família, sobre um plano de férias a realizar pela família em conjunto e com recursos ilimitados (*Plan Something Together Task*). As interações foram gravadas em casas das famílias e posteriormente codificadas de acordo com as dimensões da individuação (Condon et al, 1984, Grotevant & Cooper, 1985).

Do ponto de vista metodológico é de salientar a natureza da tarefa proposta para avaliação dos padrões de comunicação familiar: apesar do seu carácter hipotético, a tarefa proposta parece constituir uma situação elicitadora da expressão e coordenação dos diferentes pontos de vista pelos membros da família e, nesse sentido, pode estimular o potencial da família para exibir quer a individualidade, como por exemplo através de propostas para actividades ou de desacordo, quer a vinculação, através de expressões de acordo ou de compromissos, por exemplo.

Para além da análise dos padrões de comunicação familiar, foram também medidas outras variáveis entre as quais, a identidade e a tomada de perspectiva (Grotevant & Cooper, 1986). Globalmente, os resultados sugerem que o desenvolvimento da identidade e a coordenação de perspectivas no jovem ocorrem em relações individualizadas, nas quais

as diferenças são livremente expressas dentro dum contexto básico de vinculação.

Na mesma linha poderão ser situados os resultados da investigação desenvolvida por Hauser e cols. sobre a relação entre o desenvolvimento do *ego* em adolescentes e os padrões de comunicação da família. A interacção pais-adolescente foi observada através duma situação de discussão de diferenças de opinião (*method of revealed differences de Strodbeck*, 1958) relativamente aos dilemas morais criados por Kohlberg (cf. Hauser et al, 1984).

Conclusão

A revisão da teoria e da investigação sobre os processos de vinculação e de autonomia nas relações do adolescente com os pais, permite apoiar as palavras de Hill & Holmbeck (1985): "Autonomy becomes useful as a concept in explaining present research and directing future research when it ceases to be defined negatively in terms of freedom from parental attachments and influence and begins to be defined positively in terms of processes of and individual differences in self-governance or self-regulation. Such processes do not begin or end in adolescence and do not preclude either close relationships or a generalized predisposition toward "connectedness", "expressiveness", or "communion". (p.181).

Notas

(1) As noções de perda e de luto dos *imagos* parentais têm vindo a ser relativizadas, senão mesmo questionadas, por autores de formação psicanalítica. Por exemplo, Coimbra de Matos (1986) afirma que: "Então o sujeito não perde o objecto primário e/ou incestuoso; mas sim vai estabelecendo com ele uma diferente relação. No bom desenvolvimento afectivo não há propriamente perdas nem mudanças bruscas, mas evolução relacional: o indivíduo não perde a mãe ou o pai - nem como objecto externo nem como objecto interno -, mas modifica progressivamente a sua relação com eles. Não é, portanto, muito correcto dizer-se que se trata dum luto dos *imagos* parentais, mas sim, da transformação desses *imagos* e sobretudo da redefinição da relação com esses objectos.", p.41.

Bibliografia

- Ainsworth, M. (1969). Object relations, dependency and attachment. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Armsden, G.; Greenberg, M. (1987). The inventory of parent and peer attachment: individual differences and their relationships to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 5, 427-454.
- Bell, D.; Bell, C. (1983). Parental validation and support in the development of adolescent daughters. In H. Grotevant & C. Cooper (eds) *Adolescent Development in the Family*. New Directions for the Study of Development. San Francisco: Jossey-Bass
- Bell, N., Avery, A.; Jenkins, D., Feld, J.; Schoenreck, C.; (1985). Family relationships and social competence during late adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 14, 2, 109-119.
- Bloom, M.V. (1980). *Adolescent-Parental Separation*. N.Y: Gardner Press.
- Blos, P. (1967). *On Adolescence*. N.Y: Free Press.
- Blos, P. (1979). *The Adolescent Passage*. N.Y: International Universities Press.
- Coimbra de Matos, A. (1986). O primeiro amor. *Psicologia*, V, 1, 39-43.
- Condon, S.; Cooper, C.; Grotevant, H. (1984). Manual for the analysis of family discourse. *Psychological Documents*, 14, 8.
- Cooper, C.; Grotevant, H.; Condon, S. (1983). Individuality and connectedness in the family as a context for adolescent identity formation and role-taking skills. In H. Grotevant & C. Cooper (eds) *Adolescent Development in the Family*. New Directions for Child Development. Jossey Bass Inc.
- Cooper, C. (1988). Commentary: the role of conflict in adolescent-parent relationships. In M. Gunnar & W.A. Collins (eds) *Development During the Transition to Adolescence*. The Minnesota Symposia on Child Psychology. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Freud, S. (1917). *General Theory of the Neuroses*, Standard Edition, vol. 16. London: Hogarth Press.
- Freud, A. (1968). Adolescence. In A. Winder, D.L. Angus (eds) *Adolescence*. N.Y: American Book Company.
- Greenberg, M.; Siegel, J.; Leitch, C. (1983). The nature and importance of attachment relationships to parents and peers during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 12, 5, 273-386.
- Grotevant, H.; Cooper, C. (1985). Patterns of interaction in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. *Child Development*, 56, 415-418.
- Grotevant, D.; Cooper, C. (1986). Individuality in family relationships. *Human Development*, 28, 82-100.
- Hill, J.; Holmbeck, G. (1986). Attachment and autonomy during adolescence. *Annals of Child Development*, 3, 145-189.
- Hinde, R. (1979). *Toward Understanding Relationships*. London: Academic Press.
- Hoffman, J. (1984). Psychological separation of late adolescents from their parents. *Journal of Counseling Psychology*, 31, 5, 170-178.
- Jones, E. (1969). *Théorie et Pratique de la Psychanalyse*. Paris: Payot.
- Kenny, M. (1987). The extent and function of parental attachment among first-year college students. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 1, 17-30.
- Kobak, R.; Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: working models, affect regulation and representations of self and others. *Child Development*, 59, 1, 135-146.
- Marcia, J. (1980). Identity in adolescence. In J. Adelson (ed) *Handbook of Adolescent Psychology*. N.Y: Wiley.
- Montemayor, R. (1983). Parents and adolescents in conflict: all families some of the time and some families most of the time. *Journal of Early Adolescence*, 3, 1-2, 83-103.
- Moore, D.; Hoitch, D. (1981). Late adolescents' conceptualizations for home leaving. *Journal of Youth and Adolescence*, 10, 1-10
- Pipp, S.; Jennings, S.; Shaver, P.; Lamborn, S.; Fisher, K. (1985). Adolescents theories about the development of their relationships with parents. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 4, 991-1001.
- Shaver, P., Hazan, C.; Bradshaw. Love as attachment: the integration of three behavioral systems. In R. Steinberg & M. Barnes (eds) *The Anatomy of Love*. New Haven: Yale University Press (no prelo)
- Steinberg, L. (1987). Recent research on the family at adolescence: the extent and nature of sex differences. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 3, 191-197.
- Sullivan, K.; Sullivan, A. (1980). Adolescent-parent separation. *Developmental Review*, 16, 93-104.
- Youniss, J. (1980). *Parents and Peers in the Social Environment: A Sullivan-Piaget Perspective*. Chicago: Chicago University Press.
- Youniss, J. (1983). Social construction of adolescence by adolescents and parents. In H. Grotevant &

- C. Cooper (eds) *Adolescent Development in the Family*. New Directions for Child Development. Jossey Bass Inc.
- Youniss, J.; Smollar, J. (1985). *Adolescent relations with mothers, fathers and friends*. Chicago: Chicago University Press.
- Youniss, J.; Ketterlinus, R. (1987). Communication and connectedness in mother-and-father adolescent relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 16,3, 265-280.

Résumé

Soares, I., & Campos, B. P. Liaison et autonomie dans la relation de l'adolescent avec ses parents. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 1988, 4, 57-64. On assiste, pendant les dernières années, à un redoublement de l'intérêt pour les questions familiales dans l'adolescence dans une perspective développementale. L'approfondissement et consolidation de la perspective de construction sociale du développement humain, ainsi que la valorisation par l'approche empirique des modèles d'interaction y ont contribué au niveau conceptuel et au niveau méthodologique, respectivement. Dans ce champ, on cherche à analyser d'une façon plus profonde l'évolution au niveau conceptuel et de l'exploration empirique qui concerne l'étude de la problématique de la liaison et autonomie dans l'adolescence dans le contexte des relations familiales. On part de la révision de la littérature plus classique à propos de la problématique de la séparation-indépendance de l'adolescent vis-à-vis sa famille essayant de la confronter avec les résultats de la recherche empirique. Traditionnellement, les jeunes sont décrits comme cherchant à "se séparer" de leurs parents et à "se lier" aux pairs. Au contraire de cette approche traditionnelle qui accentue l'opposition entre les deux procédés, les modèles plus récents les envisagent comme procédés complémentaires et également importants pour le développement du jeune dans les différents contextes de

socialisation. Les changements dans la compréhension de cette problématique sont examinés à l'aide de la recherche la plus récente dans ce domaine, essayant de détacher les lignes de force qui orientent actuellement l'étude de la liaison et de l'autonomie dans le contexte de la relation de l'adolescent avec ses parents.

Abstract

Soares, I., & Campos, B. P., Attachment and autonomy in the adolescent relationship with parents. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 1988, 4, 57-64. In the last years there has been an increasing interest for adolescence family issues from a developmental perspective. In this sense, the main contributions are, at a conceptual level, the development and consolidation of the social-constructivist approach of human development, and, at a methodological level, the emphasis of the empirical approach on ecologically-validated models and interaction patterns. In this context, this study aims to analyse the evolution, at conceptual and empirical levels, of the study of attachment and autonomy in adolescence in the context of family relationships. The starting point is the review of classical literature on the issue of the adolescent separation-independence from his/her family, and then its confrontation to empirical research. Traditionally, adolescents have been pictured as realizing the separation from parents and the attachment with peers. Differently from this traditional approach, which has emphasized the opposition of both processes, more recent models face them as complementary processes and equally important for the adolescent development in his/her different socialization contexts. Changes in the understanding of this issue are examined in light of recent research in this domain, stressing the main principles which presently guide the study of attachment and autonomy in the context of the relationship between the adolescent and his/her parents.